

O PAPEL DA GUERRA DO PARAGUAI NA CONFORMAÇÃO DA MARINHA DO BRASIL

GUSTAVO GORDO DE FREITAS¹; ETIENE VILLELA MARRONI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – gustavogordof@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – evmarroni@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Marinha do Brasil é a força naval do país, responsável pela defesa das águas territoriais e pela proteção dos interesses marítimos brasileiros. Criada em 1822, durante o processo de independência, a Marinha teve papel fundamental em consolidar a soberania nacional, especialmente na Guerra da Independência e em outros conflitos como a Guerra do Paraguai. Ao longo dos séculos, a Marinha brasileira passou por modernizações, ampliando sua capacidade de patrulha, defesa e projeção de poder. Suas principais funções incluem a proteção da extensa costa brasileira, com mais de 7.400 km de litoral, e da Amazônia Azul, uma vasta área marítima de mais de 4,5 milhões de km², rica em recursos naturais como petróleo e gás (Marinha do Brasil, 2006).

A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi o maior conflito armado da América do Sul, envolvendo o Paraguai contra a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai. O confronto começou quando o Paraguai, liderado por Francisco Solano López, iniciou uma série de ataques territoriais, motivado por disputas geopolíticas e econômicas na região do Rio da Prata. O Paraguai, isolado e com ambições expansionistas, enfrentou a Aliança que buscava frear seu crescimento militar e econômico. O Brasil, em particular, tinha interesse em garantir a estabilidade no Uruguai e a livre navegação dos rios da região, enquanto a Argentina almejava consolidar seu domínio sobre a área (Fausto, 1995; Doratioto, 2002; Menezes, 2012).

O conflito foi extremamente sangrento e devastador, especialmente para o Paraguai, que perdeu grande parte de sua população e infraestrutura. A guerra foi marcada por batalhas ferozes, como as de Tuiuti e Curupaiti, e pela resistência

paraguaia até os últimos momentos, culminando na morte de Solano López em 1870. Após a guerra, o Paraguai ficou arrasado, tanto econômica quanto demograficamente. O Brasil emergiu como a principal potência militar da região, mas o conflito também acelerou a crise interna que levaria à queda do Império brasileiro em 1889. A Argentina consolidou seu território, e o Uruguai manteve sua independência sob um governo pró-brasileiro. A guerra deixou um legado de destruição e ressentimento que marcou a história política e social dos países envolvidos (Fausto, 1995; Doratioto, 2002; Menezes, 2012).

Esta proposta almeja levantar a seguinte questão: Por que o tema da Guerra do Paraguai é o mais frequente entre os artigos publicados por oficiais na Revista Navigator?

2. METODOLOGIA

A metodologia conhecida como Análise de Conteúdo foi sistematizada mais recentemente por Bardin (2011). É estruturada em três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A Revista Navigator é um periódico publicado pela Marinha do Brasil cujo escopo é a reunião de artigos cujo tema orbite a história marítima nacional. Ele teve dois ciclos de publicação. O primeiro entre 1970-1985, durante a Ditadura Militar, e o segundo que se iniciou em 2005 e se mantém até o momento presente. Foi realizada para esta proposta somente a etapa de pré-análise, ou seja, uma triagem dos artigos publicados na Revista a fim de verificar o tema mais recorrente entre as publicações dos oficiais da Marinha, do que se concluiu pela Guerra do Paraguai.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa realizada pode-se perceber que a Guerra do Paraguai foi o fato histórico-político, o ponto de inflexão, que subsidiou o início do processo de desenvolvimento de uma consciência de grupo pelas Forças Armadas brasileiras. O conflito assumiu papel de grande destaque na história militar nacional, mas, ao mesmo tempo, no imaginário do militar brasileiro. Ao perceberem o quadro que se lhes opunha o retornarem da Guerra, seja, a falta de

reconhecimento por parte da sociedade de seus amplos sacrifícios em nome da Pátria, as Forças Armadas iniciaram seu movimento com vistas a assumir o protagonismo que acreditavam lhe caber (Schulz, 1994).

As Instituições necessitam da construção de uma série de elementos para a formação de suas “edificações” no plano das ideias primeiro e depois no da prática. Elas buscam um fundamento que confira a legitimidade necessária para agir no seio das sociedades que compõem. Normalmente, elas retornam a um fato mítico ou real que demonstre a sua pujança e garanta que aqueles que as observam no ambiente externo reconheçam sua importância. No caso das Forças Armadas brasileiras esse fato é a Guerra do Paraguai (Schein, 1984).

A Guerra foi o principal conflito em que o Brasil se envolveu ao longo de toda a sua história. Ela passou a ser algo próximo a um objeto de culto, que demonstra não somente as capacidades, mas a necessidade da existência de um setor militar forte que desse conta de proteger todo o extenso território nacional. A Marinha se apropriou desse conflito ao seu próprio modo. A forma como os recursos navais foram manejados por Caxias e Inhaúma tornou-os um fator de suma importância para o desenrolar e desfecho da contenda. É o que apontam, pelo menos, aqueles que escrevem sobre essa relação (Doratioto, 2002).

A Marinha do Brasil foi um dos fatores determinantes para a vitória da Tríplice Aliança. Desde o início do conflito, a Marinha brasileira desempenhou funções vitais, como o bloqueio naval do Paraguai e o controle dos rios que eram as principais rotas de suprimento e comunicação na região. Como o Paraguai era um país sem acesso direto ao mar, seu principal meio de transporte e comunicação era fluvial, pelos rios Paraná, Paraguai e seus afluentes. A Marinha do Brasil, com sua frota de guerra, focou em bloquear essas rotas, o que isolou progressivamente o exército paraguaio. Esse bloqueio naval foi fundamental para limitar as operações paraguaias e para apoiar as forças terrestres da Aliança (Fausto, 1995; Doratioto, 2002; Menezes, 2012).

4. CONCLUSÕES

É necessário ainda, um aprofundamento desta questão, buscando observar mais amiúde o pensamento dos autores dos artigos categorizados,

esmiuçando suas percepções tanto sobre o conflito quanto sobre a própria Marinha do Brasil. Acredita-se, de qualquer modo, que tanto o pensamento aqui proposto quanto um aprofundamento seu justifique-se no sentido de buscar entender como essa pode ser uma tentativa (não tão discreta, porém quase imperceptível aos olhos menos atentos) de trazer uma “nova versão” da Guerra do Paraguai, em que a Marinha do Brasil seja apresentada de uma outra forma, modificando sua imagem no cenário político nacional. Não somente, parece importante verificar em que medida a percepção dos oficiais da Marinha acerca de um evento político pode revelar objetivos escusos, embora não totalmente conscientes, de revisitar esse evento, com o objetivo de dar-lhe roupagem heroica, de maneira a mostrar um passado que agora justifique sua importância política, que abra espaço para o pleito político em nome do caminho que se evidencia com a expansão da plataforma continental brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- DORATIOTO, Francisco F. M. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1995.
- MARINHA DO BRASIL. **Introdução à História da Marinha**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Histórica da Marinha, 2006.
- MENEZES, Alfredo da Mota. **A Guerra é Nossa**: A Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. São Paulo: Contexto, 2012.
- SCHEIN, Edgar. Chegando a uma nova consciência da cultura organizacional. **Sloan Management Review**, Cambridge, Volume 25, Número 2, pp. 3-16, Inverno 1984.
- SCHULZ, John. **O Exército na Política**: Origens da Intervenção Militar 1850-1894. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.